

Collor e Ulysses explicam por que preferem não enfrentar adversários

Um filme na TV ou um bom sono são motivo mais forte

BRASÍLIA — O candidato do PRN, Fernando Collor, preferiu ontem à noite trocar a companhia de Leonel Brizola, Lula, Mário Covas e Maluf por uma “admiradora secreta”. Decidido a sequer assistir pela televisão o encontro dos candidatos à Presidência na TV-Bandeirantes, segundo seu assessor de imprensa, Cláudio Humberto, Collor estava em dúvida se iria dormir, se assistiria na TV-S o programa *Veja o gordo* ou então, na TV-Globo, o filme *Admiradora secreta*. “Parece que esse filme é ótimo”, disse Cláudio Humberto.

O assessor explicou, entretanto, que “se Collor estivesse numa situação como a se de seus

adversários, é lógico que iria ao programa”. Segundo Cláudio Humberto, a TV-Bandeirantes não estava fazendo um debate “mas um jogo de cartas marcadas” para todos atacarem Fernando Collor. “Como cidadão ele não é obrigado a aceitar convites”, justificou o assessor.

Cláudio Humberto disse ainda que “nada acrescentaria à campanha” a participação de Collor no programa de ontem à noite. Além disso, considerou “muito estranho que todos os adversários tenham achado que ele deveria participar. Isso é sintomático e mostra que ele está certo em não ir”. O porta-voz Cláudio Humberto afirmou que Collor não pretendia nem assistir a performance de seus adversários. “Ele considera isso uma coisa menor. É possível que ele esteja em casa dormindo”, acrescentou.

Conselho não faltou, mas evangélico teve prioridade na agenda

Marco Damiani

SÃO PAULO — Um telefonema do governador de Goiás, Henrique Santillo, na manhã de ontem, não surtiu qualquer efeito de mudança na decisão do candidato do PMDB à Presidência da República, deputado Ulysses Guimarães, de não participar, à noite, do debate organizado pela *Rede Bandeirantes*. Já no domingo, quando se encontrava em Ilhéus (BA), Ulysses ouvira de seu companheiro de chapa, ex-governador Waldir Pires, um pedido para que “examinasse bem” a situação criada em torno do evento, numa sugestão velada para que aceitasse o convite para debater com seus adversários à sucessão.

Antes de ouvir Santillo e Pires, porém, Ulysses já havia enviado ao diretor da *Bandeirantes*, João Saad, uma carta em que expôs polidamente

um de seus motivos para, na noite de ontem, em lugar de aparecer na TV para uma audiência de milhões de eleitores, preferir fazer mais um discurso para uma platéia de pastores evangélicos no bairro paulistano do Brás, a muitos quilômetros do estúdio da emissora.

Prioridade — A Saad, Ulysses escreveu que seu partido, o PMDB, possui diretórios nos 4.300 municípios brasileiros e que sua prioridade, neste momento, é atingir pessoalmente o partido, cumprindo compromissos previamente marcados, como o encontro com os evangélicos. Em função desses eventos agendados antes do convite para ao debate, alegou Ulysses na carta ao empresário, não aceitara a oportunidade oferecida, o que não significava, como ressaltou, que estaria impedido ou disposto a recusar convites que surjam no futuro.

Aos mais próximos, entretanto, o doutor Ulysses já manifestou mais de uma vez que não está disposto a ser “escravo” dos debates, alterando sua agenda ao sabor dos chamados da imprensa. “Eu não quero discriminar

os meios de comunicação”, disse Ulysses a um grupo de assessores, recentemente, explicando seus motivos. É que, pela ótica do candidato, caso aceitasse o convite da *Rede Bandeirantes*, teria de aceitar o da *Rede Manchete*, que na quinta-feira também promove um debate, os de outras redes mais adiante, os das televisões regionais e ainda os que os jornais, revistas e rádios do país venham a promover.

Não faltou quem aconselhasse Ulysses a participar do evento de ontem à noite. Ninguém, porém, disse diretamente ao candidato que sua missão enquanto tal era a de estar presente na frente das câmeras, mantendo viva, assim, a mística de que não haveria político capaz de dizer frente a frente a Ulysses algo que pudesse realmente constrangê-lo.

Responsável — O ex-ministro Renato Archer, coordenador da campanha e amigo pessoal do deputado, vem se sentido injustiçado pela imprensa por ter sido lembrado como um dos incentivadores da recusa de Ulysses de ir à *Bandeirantes*. Ele diz que sugeriu ao candidato a importân-

cia de sua participação, mas não lhe fez qualquer pedido ou apelo neste sentido. Assim como Archer, ninguém no PMDB quis ser responsável pela ida de Ulysses ao estúdio para não se associar diretamente a um desempenho que não viesse a ser considerado eficiente.

Sóbrou, assim, para o próprio Ulysses decidir, ele que vem tocando sua campanha sem interferência importante quer da Comissão Executiva do partido, quer dos governadores de estados ou de outros políticos com mandato. Em seus cálculos, o deputado, respeitado como um dos políticos mais experientes do país, chegou à conclusão que o debate de ontem não seria decisivo em termos de definição do eleitorado, por se realizar a quase quatro meses da hora do voto.

Também entendeu que haverá outros políticos que rapidamente encobrirão os efeitos do debate de agora. E, por fim, concluiu que, não indo, não se arriscava nem a dar um salto espetacular nas pesquisas e muito menos a descer alguns degraus em função de um desempenho ruim. Por estas razões, Ulysses preferiu os evangélicos aos milhões de telespectadores.